

Automutilação na adolescência: um fenômeno psicossocial da contemporaneidade

Self-mutilation in adolescence: a psychosocial phenomenon of contemporaneity

Automutilación en la adolescencia: un fenómeno psicossocial contemporáneo

Recebido: 23/08/2022 | Revisado: 01/09/2022 | Aceito: 03/09/2022 | Publicado: 11/09/2022

Suzanna Martins Dutra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6935-1613>
Centro Universitário Municipal de Franca, Brasil
E-mail: suzannamartinsdutra@gmail.com

Maria Luísa Casillo Jardim Maran

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2477-3924>
Centro Universitário Municipal de Franca, Brasil
E-mail: mluisajmaran@gmail.com

Resumo

A automutilação é uma agressão autoinfligida, intencional, não suicida e não aceita socialmente. Sua incidência sempre crescente, principalmente entre os jovens, indica que esta prática não é provocada apenas por fatores individuais, sendo necessário investigar se existem fatores que provocam sofrimento coletivo e favorecem o comportamento. O objetivo do estudo foi explorar a influência de fatores presentes na contemporaneidade relacionados à incidência da automutilação em adolescentes. Como método, utilizou-se a revisão integrativa da literatura, pesquisando-se em quatro bases de dados. Dos resultados, oito estudos foram incluídos. Compreendeu-se que a contemporaneidade é permeada de um mal-estar que acomete os indivíduos. Na adolescência, percebe-se a solidão e o desamparo como interferências à simbolização e à elaboração da dor emocional. Logo, a autolesão torna-se expressão do sofrimento e do mal-estar que inundam os sujeitos. Simultaneamente, as redes sociais tornam-se interlocutoras do sofrimento, contribuindo para o contágio da prática.

Palavras-chave: Comportamento autodestrutivo; Angústia psicológica; Redes sociais.

Abstract

Self-mutilation is a non-suicidal and intentional self-inflicted aggression that is not socially accepted. The constant rise of self-injury among the youth points that this practice is not caused only by individual factors, emerging the need to investigate if there are factors that provoke collective suffering and induce self-mutilation. The objective was to explore the influence of factors from contemporaneity on the occurrence of self-mutilation in adolescents. The method was an integrative literature review with searches in four databases. From the results, eight studies were included. It is possible to understand that the contemporaneity's way of functioning is covered by an uneasiness that acts over the individuals. In adolescence, loneliness and helplessness interfere with the symbolization and elaboration of emotional pain. Therefore, self-injury becomes an expression of suffering and uneasiness. Simultaneously, suffering can be addressed on social networks, reinforcing the practice's contagious effect.

Keywords: Self-injurious behavior; Psychological distress; Social networks.

Resumen

La automutilación es una agresión autoinfligida, intencional, no suicida y no aceptada socialmente. Su incidencia cada vez mayor, especialmente entre los jóvenes, indica que esta práctica no es provocada sólo por factores individuales siendo necesario investigar la existencia de hechos que provocan sufrimiento colectivo y favorecen este comportamiento. El objetivo del estudio fue explorar la influencia de factores presentes en la época contemporánea relacionados con la incidencia de autolesiones en adolescentes. Se utilizó como método una revisión integrativa de la literatura, buscando en cuatro bases de datos. De los resultados, se incluyeron ocho estudios. Se entendió que la contemporaneidad está atravesada por un malestar que afecta a los individuos. En la adolescencia, la soledad y el desamparo son percibidos como interferencias en la simbolización y elaboración del dolor emocional. Por lo tanto, la autolesión se convierte en una expresión del sufrimiento y malestar que inunda a los sujetos. Simultáneamente, las redes sociales se convierten en interlocutores del sufrimiento, contribuyendo al contagio de la práctica.

Palabras clave: Conducta autodestructiva; Distrés psicológico; Redes sociales.

1. Introdução

A automutilação é uma agressão autoinfligida praticada de forma intencional, voluntária e repetitiva, sem intenção suicida. Esta prática envolve ferimentos e lesões provocados pelo indivíduo, sobre o próprio corpo, que não são contemplados

pelos costumes culturais nem realizados visando à exibição (Aragão Neto, 2019; Giusti, 2013; Sant'Ana, 2019).

É frequente o uso de mais de uma forma de automutilação e alguns métodos comuns são: cortes, arranhões, mordidas, choques contra a parede ou objetos, queimaduras, perfurações, manipulação de ferimentos, introdução de objetos pontiagudos no corpo, esbofetear-se, bater a cabeça e colocar os dedos nos olhos (Aragão Neto, 2019; Fonseca et al., 2018; Sant'Ana, 2019). Comumente, o comportamento resulta em danos leves a moderados, porém, pode provocar ferimentos severos que requerem cuidados médicos (Lima et al., 2021).

De modo geral, as lesões são provocadas em áreas do corpo de fácil acesso para a pessoa e frequentemente são utilizados objetos perfurocortantes, tais como agulhas, lâminas, facas, tesouras, compassos, estiletes e pedaços de vidro (American Psychiatric Association [APA], 2014; Dettmer, 2018).

A prática pode ocorrer em várias faixas etárias, contudo, é mais comum entre adolescentes. Com início por volta dos 13 e 14 anos, a automutilação pode desaparecer ainda na juventude, entretanto, há casos nos quais a prática pode persistir durante a vida adulta (APA, 2014; Sant'Ana, 2019). No Brasil, os estudos sobre a prevalência da automutilação ainda são insuficientes, contudo, estudos internacionais evidenciam um aumento significativo dessa prática (Aragão Neto, 2019; Silva & Botti, 2017).

Quanto ao gênero, há maior prevalência da automutilação entre mulheres, principalmente, adolescentes do sexo feminino (Bastos, 2019; Giusti, 2013; Aragão Neto, 2019). Entre a população geral observa-se uma subdiagnóstico da automutilação, visto que a maioria dos casos que acontece na comunidade não chega aos serviços de saúde. Comumente, a busca por tratamento só ocorre após o estabelecimento de comorbidades e do consequente agravamento das lesões (APA, 2014; Giusti, 2013).

Mesmo não sendo possível contemplar e perceber todas as incidências, em números absolutos, a automutilação tem crescido significativamente nos últimos 30 anos e tem ganhado maior visibilidade na comunidade científica, mesmo que com certa timidez (Oliveira et al., 2019). Ademais, com o aumento persistente do número de casos, a automutilação pode ser concebida como um problema de saúde pública (Aragão Neto, 2019; Ferreira et al., 2021; Lima et al., 2021).

O ambiente escolar é um dos principais espaços em que se é possível identificar o aumento e a disseminação do fenômeno entre os adolescentes (Sant'Ana, 2019). Porém, em meio à ampla incidência de casos, observa-se o despreparo de profissionais da saúde e da educação sobre como intervir perante a automutilação. Frequentemente, o comportamento é concebido sob visões reducionistas e banalizadas, derivadas do desconhecimento generalizado sobre a prática, o que impacta diretamente o modo como esses profissionais acolhem tais demandas (Bastos, 2019; Gabriel et al., 2020). Dessa forma, percebe-se a necessidade de ações direcionadas para a saúde mental nas escolas, de treinamento da equipe escolar quanto ao reconhecimento da automutilação e do desenvolvimento de estratégias multisetoriais que envolvam a educação, a saúde e a sociedade (Alves et al., 2022).

Através da Lei nº 13.819, de 26 de Abril de 2019 (Brasil, 2019), foi implementada a Política Nacional de Prevenção à Automutilação e ao Suicídio. Entretanto, esta valoriza mais a notificação dos casos e pouco discute sobre como realizar efetivamente a prevenção junto aos indivíduos que se automutilam. Na prática, percebe-se a desinformação da sociedade, da família e dos profissionais da saúde e da educação sobre como lidar com a automutilação, enquanto a quantidade de incidências cresce cada vez mais, sobretudo, entre os jovens.

Atualmente, percebe-se que o aumento da relevância e da urgência do tema não é acompanhado pelo aumento diretamente proporcional de pesquisas sobre o assunto. Em comparação à quantidade de estudos internacionais, há poucos estudos brasileiros sobre a automutilação, principalmente estudos empíricos, o que gera dificuldades na compreensão do fenômeno (Dettmer, 2018; Fonseca et al., 2018; Moreira et al., 2020; Oliveira et al., 2019). A partir de um entendimento limitado sobre o comportamento, há empecilhos para o desenvolvimento de propostas de prevenção e intervenção. A saber, na literatura são inexistentes estudos que versam sobre modelos de intervenção e tratamento ao comportamento junto a amostras brasileiras

(Kamazaki & Dias, 2021). Desse modo, torna-se difícil também explorar e estabelecer possíveis manejos clínicos e ações de cuidado em saúde para a população que se automutila.

Perante a escassez de pesquisas torna-se evidente a necessidade de se desenvolver estudos e ampliar o conhecimento sobre o assunto, especialmente pela questão de que cada caso de automutilação apresenta um sofrimento humano subjacente. O perfil sempre crescente de incidências entre adolescentes indica que a automutilação não deve ser vista como um fenômeno pertencente unicamente à dimensão pessoal do indivíduo, devendo haver a possibilidade de que existam fatores coletivos em comum que favoreçam a ampla disseminação do comportamento.

Logo, a proporção dos atos autolesivos entre os jovens pode refletir o quanto estes indivíduos, além de lidarem com seus próprios sofrimentos individuais e dos desafios do seu processo de adolecer, estejam lidando com os sofrimentos gerados pelo modo de funcionar da contemporaneidade.

Portanto, o presente estudo teve como objetivo principal explorar o que a literatura científica relata sobre a influência de fatores presentes na contemporaneidade relacionados à incidência da automutilação em adolescentes. Além disso, como objetivos específicos, buscou-se identificar variáveis da contemporaneidade que possam ocasionar sofrimento coletivo aos adolescentes, conhecer características próprias do adolecer atual que possam desencadear a automutilação e investigar influências sociais que possam desencadear comportamentos automutilatórios.

2. O Fenômeno da Automutilação

O termo “automutilação” se refere à realização de lesões no corpo do próprio sujeito que pratica a ação. Entretanto, este termo não é homogêneo e pode evocar uma série de sentidos e interpretações, que englobam desde ferimentos leves, como cortes superficiais, até ferimentos graves, como a mutilação de alguma parte do corpo.

Devido a essa diversidade contida na compreensão do termo automutilação, observa-se na literatura científica uma nomenclatura não unificada e polimorfa. Termos como autolesão não suicida, escarificação, *cutting*, *self-injury* e autoagressão são alguns exemplos de vocábulos encontrados em trabalhos científicos para se referir à prática (Dettmer, 2018; Aragão Neto, 2019). Apesar de serem usados como sinônimos, cada um desses termos traz particularidades próprias. O termo violência autoprovocada, por exemplo, engloba todas as formas de causar danos intencionais a si mesmo, com ou sem intenção suicida, incluindo desde os ferimentos gerados pela automutilação até o comportamento suicida: suicídio, tentativa de suicídio e ideação suicida (Brasil, 2019; Veloso et al., 2017). Já o termo *cutting* denomina, exclusivamente, lesões provocadas por meio de cortes (Dettmer, 2018).

O próprio termo automutilação é multifacetado e pode ser empregado sob variadas definições. A título de ilustração, a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) apresenta o comportamento automutilatório como sintoma de transtornos mentais, como episódios depressivos, autismo e o Transtorno de Personalidade Borderline (Organização Mundial da Saúde, 1993). Contudo, a variedade de significados e a falta de uma definição bem delineada para o termo pode influenciar nos resultados das pesquisas científicas e trazer divergências, o que dificulta uma compreensão precisa sobre o assunto (Fonseca et al., 2018; Giusti, 2013).

A fim de unificar a linguagem técnica e favorecer o desenvolvimento de futuras pesquisas, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) descreveu a automutilação como uma condição própria, ao invés de ser dependente de outro quadro, e a concebeu sob o termo “autolesão não suicida”. Por estar incluso no tópico “condições para estudos posteriores”, o DSM-V explicitou que o fenômeno requer maiores estudos e que ainda não possui evidências suficientes para ser considerado como um diagnóstico de transtorno mental (APA, 2014).

No presente trabalho, o termo automutilação e autolesão não suicida são usados como sinônimos e se referem a comportamentos que geram danos intencionais sem o propósito consciente de suicídio, visam aliviar estados emocionais

negativos e englobam práticas não aceitas social e culturalmente (Aragão Neto, 2019; Fonseca et al., 2018; Giusti, 2013). Esta definição está em consonância com as disposições do DSM-V e compreende a automutilação como uma condição própria, de modo que se refere a ela como uma condição que não ocorre associada a transtornos mentais ou neurológicos.

Trata-se de um fenômeno cujas causas são múltiplas e complexas, relacionadas a fatores pertencentes às dimensões pessoal, familiar e social (Ferreira et al., 2021). Pode assumir variadas funções, como: aliviar sensações de vazio ou indiferença, interromper sentimentos negativos e induzir sentimentos positivos (APA, 2014; Fonseca et al. 2018). O comportamento pode estar associado a fatores de risco como: abuso sexual, problemas no convívio familiar, exposição à violência, isolamento, histórico familiar de suicídio, *bullying*, negligência, maus-tratos e dificuldade em expressar as emoções (Fonseca et al., 2018; Lima et al., 2021; Moraes et al., 2020). Além disso, a automutilação está relacionada a um maior risco de tentativas de suicídio e de morte por suicídio, visto que o histórico anterior de comportamentos autolesivos aparece associado ao comportamento suicida (Alves et al., 2022).

Com frequência, a automutilação é relacionada à dificuldade de lidar com vulnerabilidades intrapessoais e inter-relacionais. Segundo Lima et al. (2021, p. 2), alguns fatores comumente associados ao comportamento são “[...] a baixa capacidade de resolver problemas, a dificuldade de comunicação, a tolerância baixa ao estresse e a sensibilidade aumentada a emoções negativas [...]”, de modo que as autolesões são utilizadas como um modo de enfrentamento a essas situações. Neste sentido, a automutilação apresenta-se como um meio para lidar com acontecimentos dolorosos e dores psíquicas que os indivíduos não conseguem lidar de outra forma.

Assim, o comportamento se expressa como um recurso perante conteúdos psíquicos insuportáveis, principalmente quando o indivíduo é tomado de uma angústia imensurável, de modo que o espaço tomado pela angústia se torna tão grande a ponto de faltarem significantes para nomeá-la e significá-la. Desta forma, as dores presentes no psiquismo se expressam através dos ferimentos provocados pela automutilação, visando aliviar o sofrimento e aquietar a angústia (Reis, 2018). Seguindo este raciocínio, os ferimentos sobre o corpo refletem uma mente também ferida.

Uma vez que a prática traz o alívio desejado, é possível observar certa dependência, provocando a repetição destes comportamentos (APA, 2014). Devido a esta característica repetitiva e aditiva da automutilação, neste trabalho é utilizado o termo “práticas”, a fim de remeter à recorrência desse fenômeno.

Geralmente, o aumento da frequência da prática automutilatória é acompanhado do aumento da intensidade das lesões. Assim como na adição, após alguns episódios o indivíduo começa a se habituar à dor, desenvolvendo certa tolerância em relação aos ferimentos. Desta forma, para desencadear a mesma sensação de alívio e prazer obtida nos primeiros episódios de automutilação, o sujeito produz lesões de maior gravidade. Assim, a autolesão “pode tornar-se crônica, com dependência das lesões para o alívio, desenvolvendo um ciclo vicioso [...]” entre a tolerância e o aumento da intensidade dos danos (Bastos, 2019, p. 171).

Visto que o comportamento autolesivo encontra o auge de sua ocorrência no período da adolescência e que o fenômeno está associado a dificuldades emocionais intensas, torna-se necessário questionar a realidade: o que se passa com os adolescentes atualmente? Quais os fatores da contemporaneidade que podem estar contribuindo para a ocorrência e a continuidade da automutilação entre grandes números de adolescentes?

3. Método

A fim de investigar como as questões da contemporaneidade podem influenciar o fenômeno da automutilação entre os adolescentes, o presente estudo realizou uma revisão integrativa da literatura.

A revisão integrativa é um método de pesquisa científica no qual, a partir da literatura, apreende-se uma visão abrangente e aprofundada sobre determinado assunto ou fenômeno, permitindo que os resultados encontrados nas pesquisas possam ser

incorporados à prática (Souza et al., 2010).

Neste método de pesquisa são analisados estudos de diversos enfoques metodológicos, como pesquisas experimentais e não experimentais e estudos teóricos e empíricos (Souza et al., 2010). Seu principal objetivo é aprofundar o assunto estudado, através da síntese sistemática e ordenada dos resultados encontrados na literatura científica (Mendes et al., 2008). Além disso, a revisão integrativa pode ser utilizada para outras finalidades, como definir conceitos, analisar problemas de metodologia na investigação de um tema e revisar teorias (Souza et al., 2010).

Assim, este método se apoia na análise ampla de pesquisas relevantes e variadas da literatura, discute os métodos e resultados destes estudos, fundamenta a tomada de decisões e o aprimoramento da prática, sintetiza o conhecimento sobre o tema e favorece a identificação de lacunas no conhecimento a serem preenchidas por pesquisas futuras (Mendes et al., 2008).

Para a coleta de dados, a revisão integrativa da literatura realizada na presente pesquisa utilizou como bases dados a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO), o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e o Portal de Periódicos CAPES. As pesquisas nestas bases foram feitas utilizando as palavras-chave “automutilação na contemporaneidade” e “automutilação na adolescência”, filtrando os resultados para estudos publicados entre os anos de 2016 a 2021 e em língua inglesa ou portuguesa.

No presente estudo, a faixa etária adotada para a adolescência está em concordância com as disposições do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que considera a adolescência como o período dos 12 aos 18 anos de idade (Brasil, 1990).

Na SciELO, na LILACS e no Portal da CAPES buscou-se por “automutilação na contemporaneidade” e “automutilação na adolescência”. Já no PePSIC, para combinar os resultados, foi usada a opção de operador booleano “AND”. Assim, nesta base de dados pesquisou-se usando os descritores “automutilação AND contemporaneidade” e “automutilação AND adolescência”.

A partir dos resultados levantados, os critérios de inclusão utilizados foram: 1-Período de publicação entre os anos de 2016 e 2021; 2-Disponibilidade do documento na íntegra de forma gratuita e online; 3-Publicação em língua portuguesa ou inglesa; e 4-Estudos que discutem o tema da automutilação na adolescência e/ou contemporaneidade.

Já os critérios de exclusão adotados foram: 1-Estudos em língua espanhola ou outras línguas; 2-Estudos fora do período de publicação estipulado; 3-Publicações repetidas; 4-Estudos cujo tema principal aborda algum quadro ou condição diferente da automutilação; 5-Estudos nos quais a automutilação não é o assunto principal; 6-Estudos que não mencionam ou apenas citam a automutilação em seus resumos ou introduções; e 7- Pesquisas que estudaram o fenômeno da automutilação em faixas etárias alheias ao período de 12 a 18 anos.

4. Resultados

A pesquisa nos sites das bases de dados foi realizada no dia 03 de Maio de 2021. Ao pesquisar por “automutilação na contemporaneidade” foram encontrados 4 resultados no portal da CAPES, 1 resultado no PePSIC e nenhum na SciELO e na LILACS. Já a busca por “automutilação na adolescência” encontrou 11 resultados no portal da CAPES, 9 resultados na LILACS, 4 resultados no PePSIC e 3 resultados na SciELO. Deste total de 32 resultados levantados, foram excluídos os estudos repetidos, gerando um total de 22 resultados.

Em um segundo momento, os 22 estudos encontrados foram selecionados de acordo com seus títulos. Aquelas pesquisas cujos títulos indicavam que a automutilação não era o tema principal do estudo foram excluídas. Em alguns estudos, nos quais a relação com a automutilação não ficou clara só pela leitura do título, foi realizada a leitura dos respectivos resumos para compreender se as autolesões eram tratadas como tema principal ou se eram apenas citadas ao longo do estudo. Aqueles estudos que apenas citavam ou não mencionavam a automutilação em seu resumo foram excluídos.

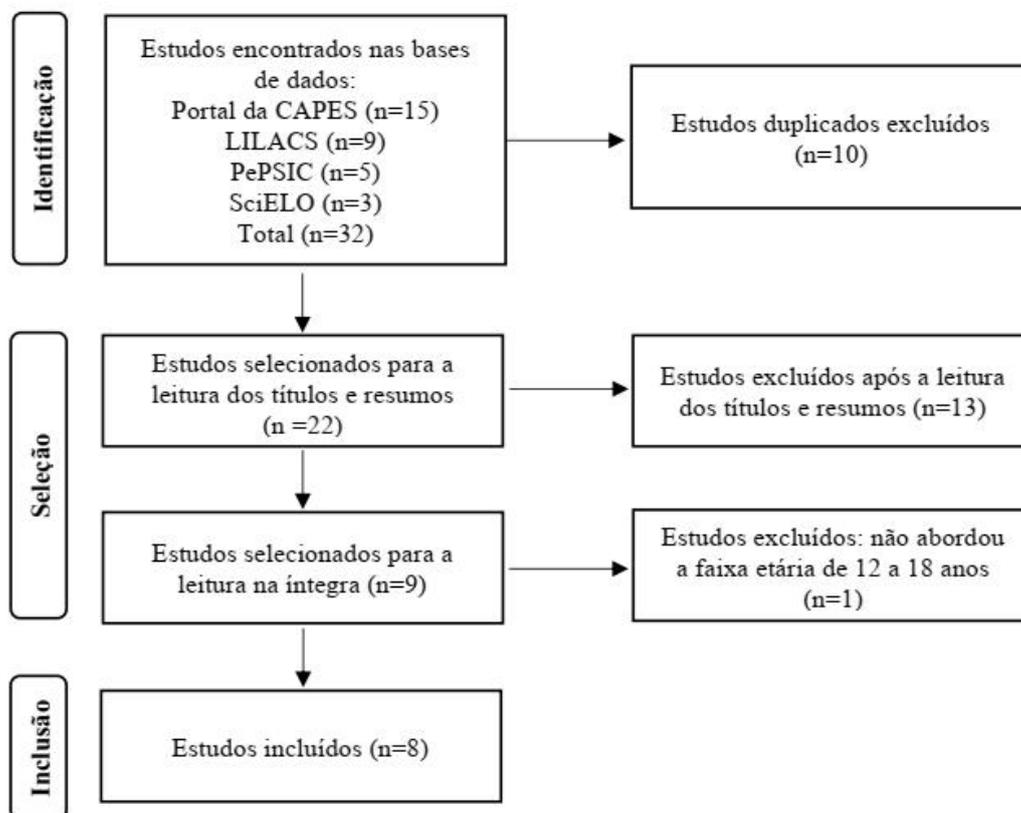
Após esta seleção restaram 9 estudos. A partir da leitura do resumo destes estudos (ou da introdução, naqueles estudos que não apresentaram resumo), analisou-se qual foi o conceito de automutilação utilizado. Todas as 9 pesquisas analisadas

compreendiam a automutilação como um comportamento intencional, geralmente repetitivo, que gera danos autoinfligidos, sem intenção suicida, não associado a condições psiquiátricas ou neurológicas, não aceito social e culturalmente e cuja finalidade frequentemente está relacionada a amenizar estados emocionais negativos, sendo compatível com o conceito de autolesão não suicida utilizado no presente estudo.

Após a leitura dos resumos, os 9 estudos restantes foram lidos na íntegra. Neste processo, um estudo foi excluído por ter abordado idades alheias ao período da adolescência.

Portanto, restaram 8 estudos, os quais foram incluídos na revisão integrativa. A Figura 1 apresenta o fluxograma que ilustra o processo de identificação, seleção e inclusão dos referidos estudos. Já a Tabela 1 apresenta os estudos incluídos, apontando seu título, seus autores e ano de publicação e os métodos utilizados.

Figura 1: Fluxograma do processo de identificação, seleção e inclusão dos estudos.



Fonte: Autoras.

Tabela 1: estudos incluídos na revisão integrativa.

Título do estudo	Autores e ano	Método
Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade	Fortes & Macedo, 2017	Artigo reflexivo que analisa as narrativas de adolescentes em um blog sobre automutilação, sob a compreensão da Psicanálise.
O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes	Brandão Junior & Canavêz, 2018	Artigo sob a forma de ensaio teórico sobre a contribuição da escuta psicanalítica para adolescentes que se autolesionam.
Marcas do infantil na adolescência: automutilação como atualização de traumas precoces	Damous & Klautau, 2016	Artigo teórico sobre o conceito de trauma na visão psicanalítica, articulado com as falhas precoces do ambiente e analisado a partir de uma situação clínica de automutilação em uma adolescente de 15 anos.
Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar	Lopes & Teixeira, 2019	Artigo que envolve a Psicanálise e o campo da educação e analisa as entrevistas livres feitas com uma adolescente de 16 anos que se automutila.
Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook	Silva & Botti, 2018	Artigo sobre uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, que analisou postagens de um grupo de automutilação no Facebook sob a análise de conteúdo de Bardin.
O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão	Otto & Santos, 2016	Artigo sobre a Análise de Discurso realizada com conteúdos de blogs que se referiam à autolesão no Tumblr.
O Signo da falta: automutilação na adolescência	Dias & Silva, 2019	Artigo de revisão teórica sobre as prováveis causas da automutilação na adolescência, sob a concepção Psicanalítica.
Autolesão não suicida na adolescência como fator de predisposição ao suicídio	Carmo, Silveira, Vignardi, Canicoba, Mota, Miziara & Miziara, 2020	Artigo de revisão narrativa sobre os principais temas relacionados à autolesão não suicida em adolescentes.

Fonte: Autoras.

Analisando os métodos empregados pelos estudos selecionados, observa-se o predomínio da Psicanálise como fundamentação teórica. Além disso, do total de estudos incluídos, 3 são teóricos, 3 realizaram análises a partir de blogs e redes sociais e 2 utilizaram entrevistas com jovens de 15 e 16 anos.

Quanto ao ano de publicação, 2 foram publicados em 2016, 1 em 2017, 2 em 2018, 2 em 2019 e 1 em 2020. Observa-se que todos os estudos incluídos foram produzidos no formato de artigos científicos.

Para realizar a análise dos dados e a discussão, a partir da leitura de todos os estudos incluídos na presente pesquisa, os conteúdos abordados pelas referidas pesquisas foram divididos em três seções temáticas: O mal-estar da contemporaneidade; Tornar-se adolescente no século XXI; e Automutilação, internet, redes sociais e contágio.

5. Discussão

5.1 O mal estar da contemporaneidade

A fim de compreender a dinâmica dos indivíduos atuais e a forma como se relacionam com as práticas automutilatórias, é preciso compreender o próprio funcionamento da sociedade na contemporaneidade.

Segundo Brandão Junior e Canavêz (2018), o modo como os sujeitos lidam com os fenômenos que os cercam têm mudado ao longo do tempo. Em outros períodos da história, a sociedade baseou-se fortemente em concepções místicas e/ou religiosas, a fim de encontrar explicações para o que não era conhecido nem cognoscível. Sob este paradigma, a realidade era explicada a partir de concepções únicas e universais, que geravam respostas fixas para cada situação.

Contudo, com a instauração da ciência moderna, a humanidade transformou o modo como se relacionava com o mundo. Os fenômenos deixaram de ter explicações prontas para serem questionados, de modo que a ciência conferiu aos eventos da realidade uma condição de mutabilidade, na qual conhecimentos vigentes são sempre passíveis de serem substituídos por outros

mais recentes que melhor expliquem os fenômenos. Em vista disso, a sociedade deixou de se apoiar em verdades consideradas absolutas, que ofereciam um ideal de segurança em tempos passados, para se basear em verdades temporárias e passíveis de serem questionadas (Brandão Junior & Canavêz, 2018).

Aliado a isso, a entrada em uma era marcada pela globalização impôs inúmeras alterações nas estruturas sociais e na formação das subjetividades. Juntamente com o modelo capitalista e o consumismo, a instauração de um mundo globalizado abriu inúmeras possibilidades e opções de escolha. Entretanto, perante a infinidade de possibilidades, os sujeitos não possuem uma orientação para seguirem em suas condutas e decisões (Dias & Silva, 2019; Brandão Junior & Canavêz, 2018).

Em outras épocas, havia conjuntos de referências, modelos ou padrões que norteavam as ações dos indivíduos e que eram exercidos por instâncias como a lei, a religião ou a pátria. Em contraposição, na realidade contemporânea, não há modelos a serem seguidos. Nesse contexto, a ausência de princípios norteadores gera uma sensação de desorientação, criando o “[...] homem desbussolado [...], aquele que não sabe qual caminho seguir e que não encontrou o seu lugar no mundo” (Dias & Silva, 2019, p. 23).

Sem um caminho pré-determinado para ser seguido, cabe ao indivíduo reger sua própria existência e fazer suas próprias escolhas. Neste contexto, em que há o aumento da liberdade, o sujeito pode experimentar um crescimento significativo da angústia (Dias & Silva, 2019).

Além da angústia, a contemporaneidade pode ter reforçado a sensação de desamparo dos sujeitos, uma vez que, deparando-se com as inúmeras possibilidades de escolha, o sujeito não tem leis universais, respostas prontas ou autoridades fixas para se nortear. Deste modo, o sujeito não é capaz de se apoiar em condições definitivas em suas decisões. Portanto, sem ter no que se amparar, recai sobre o indivíduo a responsabilidade por suas próprias escolhas (Brandão Junior & Canavêz, 2018).

Este cenário de angústia e desamparo que acomete o sujeito que experimenta demasiada liberdade pode ser considerado um mal-estar contemporâneo. Segundo Brandão Junior e Canavêz (2018, p. 183), este mal-estar “[...] advém da exposição ao excesso, à demasiada oferta de opções, de informação, de trabalho, de consumo, ao excesso pulsional”.

Uma vez exposto ao excesso e em contato com a angústia e o desamparo, o sujeito pode encontrar-se impossibilitado de simbolizar tais sensações. Segundo Dias e Silva (2019), perante este impasse de representar a dor vivida, o sujeito experiencia um sentimento de mal-estar, sentido como algo sem forma, sem ordem e sem nome. Conforme os autores, tal sensação inominável pode ser considerada um mal-estar contemporâneo, compreendido como “[...] a sensação daquele que não sabe ou não encontrou seu lugar no mundo e, por isso, sofre” (Dias & Silva, p.24).

Em contato com tamanha dor, os sujeitos sentem necessidade de expressar o sofrimento (Dias & Silva, 2019). Na contemporaneidade, o corpo tem sido usado como uma via privilegiada para a expressão sofrimento emocional (Fortes & Macedo, 2017), favorecendo a prática da automutilação como um meio de expressão do mal-estar através da dimensão corporal.

A expansão do fenômeno automutilatório nos dias atuais tornou-se, portanto, um vestígio do quanto o modo de funcionamento da contemporaneidade pode estar contribuindo para a produção de sofrimentos coletivos comuns aos indivíduos. Neste contexto, a população adolescente merece maior atenção, pois, além de ser a principal faixa etária envolvida no comportamento autolesivo, é um público exposto ao mal-estar contemporâneo em um momento do desenvolvimento em que tem que lidar com os desafios característicos do adolecer.

5.2 Tornar-se adolescente no século XXI

A adolescência é caracterizada por um período de mudanças e transformações biológicas, sociais e subjetivas, sujeitas às influências sociais, culturais e ambientais que cercam o indivíduo (Dias & Silva, 2019; Silva & Botti, 2018). Tornar-se adolescente é não ser criança nem adulto, ou seja, é não ser mais protegido como na infância, assim como é não poder exercer todas as responsabilidades nem ter acesso aos benefícios da vida adulta. Desta forma, adolecer é estar na condição do não-ser,

“um tempo de ‘não-lugar’, um limbo existencial” (Dias & Silva, 2019, p. 23).

Uma vez que ocupa esta posição transitória e torna-se um sujeito do não-lugar, cabe ao jovem descobrir o seu próprio caminho. Devido a demandas sociais, o adolescente começa a se distanciar da influência dos pais e do ambiente familiar para, através de suas identificações, encontrar seu espaço entre os grupos sociais (Lopes & Teixeira, 2019).

É a partir das interações com grupos de pares e das identificações estabelecidas com os participantes que o indivíduo incorpora novas formas de agir e novas visões de mundo e constrói sua própria identidade como sujeito singular (Lopes & Teixeira, 2019).

Para isso, entende-se que o jovem precisa, primeiramente, ter a presença do outro: um outro do qual possa se diferenciar e um outro com o qual possa se identificar. Porém, conforme Dias e Silva (2019), quando o indivíduo se distancia do ambiente familiar e encontra dificuldades em se vincular e se sentir pertencente a algum grupo social, novamente a condição do não-lugar se impõe. Sem a relação com o outro, o sujeito não tem a possibilidade de atestar e moldar sua identidade, afirmando o estado de solidão no qual se encontra.

Além de encontrarem-se desamparados em suas relações sociais, observa-se que os adolescentes também podem se deparar com intensa solidão dentro do ambiente familiar. Por vezes, a falta de sustentação familiar na formação do jovem pode ocorrer desde os tempos mais remotos da existência do indivíduo.

O meio familiar desempenha um importante papel na infância, momento em que o indivíduo não é capaz de lidar sozinho com os afluentes de excitação que invadem seu psiquismo nem de encontrar representações para tais intensidades vividas. Quando não há o amparo familiar para mediar a representação e a elaboração da intensidade psíquica, o indivíduo torna-se refém do que não lhe foi possível elaborar e conter psiquicamente, estando sujeito a uma condição de desamparo (Damous & Klautau, 2016). Por conseguinte, ao adentrar a adolescência, o indivíduo pode encontrar-se novamente desamparado em seus contextos grupais, sociais e familiares, tendo que lidar sozinho com este sentimento atual e, ao mesmo tempo, antigo, que o acompanha.

Estando à mercê da solidão e do desamparo, o jovem é abandonado pelo olhar do outro, sendo privado desta característica tão essencial para seu desenvolvimento e para a formação de sua identidade e de sua autonomia (Dias & Silva, 2019). Nesta condição invisível ao olhar alheio, o sujeito adolescente encontra-se desorientado, uma vez que não tem em quem se apoiar, não sabe qual direção seguir e, às vezes, nem sabe quem é.

Mesmo sem ter condições de se orientar, de saber o seu lugar no mundo e de ter o amparo do outro, constantemente é exigido que o adolescente tome decisões e assuma responsabilidades, norteando os caminhos que trilhará ao longo de sua vida. Entretanto, a infinidade de opções de escolha decorrentes do funcionamento da contemporaneidade e a necessidade de se responsabilizar pelas decisões podem provocar certo mal-estar ao jovem (Dias & Silva, 2019).

Desta forma, o adolescente que já estava desorientado pela falta do outro e sem saber quais caminhos seguir em sua vida, novamente encontra-se desorientado ao ter que realizar decisões entre inúmeras possibilidades de escolha sem ter a quem recorrer. Logo, o modo de funcionar da contemporaneidade pode reforçar ainda mais o desamparo e a desorientação vivenciados pelo jovem que já enfrentava esses sentimentos em seu próprio adolescer. Em vista disso, o indivíduo fica suscetível a sensações de angústia e mal-estar que acompanham tanto a dinâmica da contemporaneidade quanto o processo da adolescência.

Ao ser inundado de angústia, desamparo, desorientação e mal-estar, o indivíduo necessita de uma forma de expressar o seu sofrimento. Entretanto, quando o sujeito experimenta uma angústia avassaladora, podem faltar-lhe significantes para conseguir atribuir um sentido ao que sente, impedindo-o de simbolizar e encontrar representações para o que lhe acomete.

Intensificada pela falta de apoio familiar, pelo modo de funcionamento da contemporaneidade e pela falta de recursos simbólicos, a angústia cresce em intensidade e extrapola o limite do quantum de angústia que o sujeito, por si só, é capaz de suportar. Assim, é experienciada uma intensidade psíquica e emocional inominável, “e é esse sofrimento sem nome, alheio ao significante e aparentemente sem significado que assola o sujeito moderno, em especial o adolescente contemporâneo” (Dias &

Silva, 2019, p. 28).

Impossibilitados de encontrar um meio de descarregar a intolerável tensão interna e de traduzi-la por meio da linguagem, os adolescentes recorrem às autolesões, usando o corpo como uma via de canalização do sofrimento (Fortes & Macedo, 2017). Logo, quando a automutilação entra em ação, denuncia a falha e a descontinuidade dos processos simbolizantes, provocados pelo acúmulo de angústia no indivíduo e que o deixam sem uma significação subjetiva (Lopes & Teixeira, 2019).

Assim, a conversão da dor para a ação oferece vazão para os conteúdos emocionais que não foram possíveis de serem expressos de outra maneira. Nestes casos, a automutilação não seria uma forma de autoextermínio, mas sim um meio de autopreservação do sujeito que se encontra devastado psiquicamente. A escuta, então, seria uma forma de oferecer um espaço no qual o indivíduo possa criar novos sentidos para o que sente e vivencia (Fortes & Macedo, 2017).

A relevância da escuta retoma a importância do olhar de um outro sobre o sujeito adolescente. Perante a falta deste outro, a automutilação pode ser um modo de convocar o olhar alheio e de demandar sua presença (Lopes & Teixeira, 2019). Neste sentido, a expressão autolesiva não teria como objetivo apenas “chamar a atenção” de forma teatral e dramatizada, como acredita o senso-comum, mas sim seria uma forma de ser visto e de preencher a ausência do outro, mesmo que inconscientemente.

Embora a automutilação seja realizada sem a intenção de encerrar a vida, ao longo dos anos a prática pode evoluir para o suicídio: uma das principais causas de morte entre os jovens. De acordo com Carmo et al. (2020), é comum a prática anterior de automutilação entre as pessoas que apresentam comportamento suicida, de modo que alterações no padrão de produção dos ferimentos autolesivos, como o aumento da frequência, a realização em intervalos regulares e o agravamento das lesões, são possíveis indícios de uma evolução para o suicídio, acidental ou não. Além disso, quanto mais precoce a idade de início da automutilação, maior é o risco para tentativa de suicídio.

Desta forma, se o suicídio é um fator muito presente entre os adolescentes atuais ao ponto de ser uma das principais causas de morte desta população, há uma urgência igual ou até maior de se compreender o fenômeno automutilatório nesta faixa etária, a fim de encontrar intervenções que possam prevenir um possível desfecho fatal para esta prática que se alastra de forma despercebida em meio à comunidade.

Diante o exposto, compreende-se que se tornar adolescente no século XXI é estar sujeito, simultaneamente, ao mal-estar que permeia a contemporaneidade e a adolescência atual. Em meio à solidão, ao desamparo, à desorientação e às limitações na capacidade simbolizante que acometem os adolescentes contemporâneos, a automutilação encontra condições propícias para ocorrer. Entretanto, para entender as nuances do fenômeno autolesivo é preciso discutir também uma característica que é comum à adolescência e à contemporaneidade: o uso da internet e das redes sociais.

5.3 Automutilação, internet, redes sociais e contágio

Nas últimas décadas, a internet tornou-se uma importante ferramenta presente em grande parte da população geral, favorecendo com que modele e exerça influência sobre a constituição das subjetividades e das relações atuais.

Segundo Brandão Junior e Canavêz (2018), a internet é uma ferramenta muito presente no cotidiano dos indivíduos, principalmente entre os adolescentes. Mais importante do que sua presença é o modo como esta tecnologia é utilizada, visto que a ampla disseminação de informações através da internet também pode favorecer a propagação de comportamentos destrutivos.

Atualmente, o tema da automutilação tem sido cada vez mais abordado em sites de busca, em comunidades online e em publicações e grupos virtuais em redes sociais, favorecendo a divulgação da prática (Otto & Santos, 2016; Silva & Botti, 2018).

Tendo em vista a grande presença virtual da autolesão, torna-se preciso refletir sobre o papel que as redes sociais desempenham perante os comportamentos autolesivos dos adolescentes.

Comumente, comportamentos automutilatórios podem ser desencadeados por sofrimentos emocionais insuportáveis, acarretados por acontecimentos dolorosos ou traumáticos. Muitas vezes, estas vivências podem ser tão intensas que o indivíduo

não consegue encontrar um meio de lidar com tamanha dor nem de representá-la por meio de palavras (Fortes & Macedo, 2017).

Neste contexto, a presença de um outro para o qual a dor possa ser comunicada é essencial, visto que a representação do próprio sofrimento encontra significados à medida que o indivíduo estabelece uma relação com o outro que, por sua vez, oferece um espaço para que esta dor seja vista (Fortes & Macedo, 2017).

Contudo, quando não há um espaço relacional para mediar e simbolizar a dor emocional e seus respectivos significados, alguns indivíduos podem buscar na internet, principalmente em grupos online em redes sociais com pessoas que se automutilam, uma forma de ocupar a lacuna de um interlocutor para o sofrimento (Fortes & Macedo, 2017). Assim, o uso das redes sociais pode exercer a função de suprir a falta do outro, que se mostra ausente, e de conter o sofrimento que necessita ser endereçado a alguém (Otto & Santos, 2016).

Ademais, é preciso compreender que a condição deste outro que se apresenta virtualmente é diferente do outro que se encontra no real, quando é possível encontrá-lo. Conforme Otto e Santos (2016), observa-se que os adolescentes têm preferido compartilhar acontecimentos de suas vidas com desconhecidos online do que com pessoas reais, particularmente familiares e profissionais. Para os jovens, estabelecer relações com estranhos diferencia-se das demais interações interpessoais reais devido à ausência de julgamentos morais perante os comportamentos autolesivos, o que possibilita com que estes indivíduos se expressem de forma mais autêntica e direta.

Portanto, entende-se que a internet e as mídias sociais podem ser usadas para preencher a ausência do outro e para expressar o sofrimento sem ser alvo de julgamentos. Neste contexto, os jovens podem procurar no meio virtual um modo de enfrentamento da dor e da automutilação. Entretanto, nem sempre o virtual é uma solução efetiva, pois, geralmente, estas formas de utilizar a internet contribuem mais com a disseminação do que com a diminuição do comportamento autolesivo.

Assim como é característico da adolescência a identificação com grupos de pares, um jovem também pode se identificar com grupos virtuais em redes sociais online. Em grupos online sobre automutilação, são as lesões e as marcas corporais que representam a identidade grupal, de modo que um indivíduo que se automutila pode se identificar com um grupo cujos participantes também se ferem (Lopes & Teixeira, 2019).

Uma vez que o indivíduo começa a participar de um grupo online sobre automutilação, sua relação com a prática pode ser influenciada pelas interações exercidas no virtual. Muitas vezes, a exposição a diversos conteúdos sobre a prática da autolesão, como imagens, vídeos, comentários e relatos, pode contribuir para que os indivíduos comecem ou continuem a se automutilar, favorecendo a ocorrência destes atos (Silva & Botti, 2018).

Como exemplo, Otto e Santos (2016) destacam o caso de uma usuária responsável por um blog sobre automutilação na rede social Tumblr. Em seu blog, a usuária “[...] relata perceber o Tumblr inteiro como algo que lhe puxa para baixo e que lhe ensina coisas ruins [...]”, de modo que o contato com conteúdos autodestrutivos através da rede social é algo que a prejudica em suas tentativas de interromper seu comportamento autolesivo (Otto & Santos, 2016, p. 280).

De acordo com Lopes e Teixeira (2019), os jovens podem experimentar se automutilar após terem contato com estes tipos de fotos e vídeos na internet, podendo continuar se envolvendo com a prática, sem conseguir parar, em um padrão que remete a um vício.

Esta difusão dos comportamentos automutilatórios, através da exposição a conteúdos autolesivos nos meios virtuais, denuncia a presença do efeito de contágio destes comportamentos entre as redes sociais.

O efeito de contágio, por sua vez, refere-se ao potencial que um comportamento tem de ser desencadeado entre os indivíduos a partir do contato destes com o fenômeno. No caso da automutilação, segundo Silva e Botti (2018), a exposição a conteúdos autolesivos através dos meios virtuais pode atuar como um gatilho para episódios autodestrutivos, assim como pode favorecer a imitação do comportamento. Logo, quanto mais o indivíduo entra em contato com temas autolesivos, maior será a probabilidade de este se envolver com a prática. Uma vez que as redes sociais e a internet favorecem a exposição a conteúdos e

peças que se autolesionam, o efeito de contágio do comportamento é potencializado, especialmente entre os adolescentes, principal público que utiliza os meios virtuais.

Além disso, é possível observar que os jovens não só estão expostos aos temas autolesivos nas mídias, mas também participam da disseminação desses conteúdos nos meios virtuais. Assim, a grande movimentação nas mídias, por parte dos jovens, sobre o tema da autolesão, mostra o quanto este fenômeno não acomete somente casos isolados e viabiliza que a prática se alastre entre os adolescentes como uma epidemia (Otto & Santos, 2016).

Entende-se, portanto, que é impraticável conceber o fenômeno da automutilação entre os adolescentes sem reconhecer a relação que possuem com a internet e as redes sociais que, por sua vez, favorecem o efeito de contágio da prática. Tal interação pode indicar tanto o modo como os jovens atuais expressam e veiculam seus sofrimentos quanto como as interações sociais virtuais podem influenciar sobre a ocorrência da autolesão.

6. Considerações Finais

O propósito do presente estudo foi analisar se variáveis próprias da dinâmica da contemporaneidade estariam provocando um sofrimento coletivo que, por sua vez, possa influir sobre a ocorrência da automutilação entre os adolescentes atuais.

A partir das informações obtidas através da revisão integrativa, entende-se que existem fatores próprios do funcionamento da contemporaneidade que geram mal-estar coletivo na sociedade, desencadeiam sofrimento nos adolescentes, afetam os modos de relacionamento virtuais e presenciais e, conseqüentemente, criam condições propícias para que a automutilação continue se expandindo. Observa-se maior prevalência do fenômeno entre os adolescentes, pois esta população encontra-se na intersecção entre o mal-estar contemporâneo, as dificuldades do adolescer e as influências sociais exercidas pelas relações virtuais.

Sobretudo, trata-se de um fenômeno psicossocial da contemporaneidade. É psíquico, pois está associado à capacidade de simbolização, à dor emocional vivida e ao sofrimento que invade o psiquismo. É social, porque envolve a necessidade do olhar do outro e está suscetível a influências sociais, exercidas por fatores como grupos de pares e o contágio através da internet. É contemporâneo, visto que também é produto do mal-estar que assola a sociedade atual e que provoca sofrimentos comuns aos indivíduos, além do fato de que é na contemporaneidade que se observa a maior incidência da autolesão.

A principal dificuldade encontrada durante a confecção deste trabalho foi a escassez de pesquisas que tratassem sobre o tema da automutilação. Desta quantidade limitada de estudos, eram raros aqueles que relacionavam o fenômeno à contemporaneidade. Logo, observa-se o quanto o tema ainda precisa ser mais explorado e pesquisado.

Devido à pequena quantidade de estudos que puderam ser incluídos na revisão integrativa, compreende-se que a presente pesquisa possui limitações. A primeira delas é a impossibilidade de generalizar totalmente as informações obtidas através de apenas oito estudos, de modo que caberá a futuras investigações comprovar, refutar ou até inovar as conclusões aqui apresentadas.

Além disso, o método usado pelos estudos incluídos também impõe restrições. Dos oito estudos incluídos, três são teóricos e três analisaram postagens de adolescentes em redes sociais. Assim, a maioria das pesquisas que fundamentaram a presente revisão usou, como instrumento de coleta de dados, fontes indiretas, ou seja, nenhum destes seis estudos colheu informações por meio de contato direto com adolescentes envolvidos com a automutilação.

Logo, a presente revisão integrativa baseou-se mais sobre estudos teóricos do que sobre estudos empíricos. Desta forma, é possível apelidá-la de “revisão da revisão”. Esta característica está de acordo com a tendência observada na literatura, na qual estudos teóricos são mais prevalentes em relação a estudos empíricos sobre o tema da autolesão.

Portanto, cabe às pesquisas futuras o desafio de conquistar participantes adolescentes para a realização de pesquisas

empíricas. Caso seja possível e viável, o ideal é que tais pesquisas consigam ampliar a quantidade amostral de participantes, a fim de obter uma compreensão mais abrangente sobre o fenômeno. E, a partir de um melhor entendimento sobre o tema, os próximos estudos podem explorar ações de prevenção e intervenção, perante a carência de propostas neste sentido.

Em relação ao presente estudo, um questionamento que pode ser levantado ao analisar as informações obtidas pela revisão integrativa refere-se ao quanto esta representa, realmente, o que ocorre no cenário contemporâneo. Apesar da coleta de dados ter objetivado encontrar estudos de 2016 a 2021, só foram encontrados estudos de 2016 a 2020. E, em nenhum deles, foi retratado o evento global que acomete o cotidiano atual: a pandemia do coronavírus.

Para falar em contemporaneidade, no tempo presente da confecção desta pesquisa, é preciso falar também sobre a pandemia, considerando os profundos impactos e consequências provocados por esta intensa crise sanitária. Sem abordar o contexto pandêmico da Covid-19, a revisão integrativa deixou de analisar um aspecto que comove e afeta toda a contemporaneidade e sua dinâmica. Desta forma, tanto na literatura quanto na revisão realizada, ficaram vazios e lacunas a serem investigados sobre a relação entre os comportamentos autolesivos e o cenário pandêmico.

Apesar dessas faltas, os estudos incluídos puderam contribuir para uma melhor compreensão sobre como a pandemia pode ter favorecido a ocorrência da automutilação. Sobre os impactos do cenário pandêmico, é possível inferir que a pandemia possa ter contribuído com: o aumento do isolamento e da solidão; o crescimento do uso da internet e da possibilidade do efeito de contágio; a imposição da incerteza e do desnorreamento; a geração de intenso sofrimento coletivo; e a dificuldade em simbolizar e elaborar as dores emocionais. Dessa forma, o contexto da pandemia pode ter propiciado o aumento da automutilação.

Por fim, espera-se que o presente estudo possa ter contribuído para ampliar a compreensão sobre os comportamentos automutilatórios. Almeja-se que a autolesão possa ser concebida a partir de uma visão que transcenda as explicações individualizantes e que considere a dinâmica da contemporaneidade e as influências sociais como participantes na gênese desse comportamento. Sobretudo, a expectativa é de que a pesquisa realizada possa incentivar o desenvolvimento de mais estudos sobre este tema, que cada vez mais requer atenção e reflexão.

Portanto, sugere-se que futuras pesquisas investiguem a dinâmica entre o funcionamento da contemporaneidade, o sofrimento coletivo e o comportamento automutilatório e explorem os possíveis efeitos sistêmicos da pandemia de Covid-19 sobre a incidência e a expressão da autolesão. Recomenda-se que sejam desenvolvidos estudos preferencialmente empíricos e com amostras maiores de participantes. Ademais, indica-se que outras faixas etárias também sejam estudadas, devido à escassez de estudos que abordem outras idades para além da adolescência. Sobretudo, espera-se que pesquisas futuras possam aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno automutilatório e desenvolver estratégias de prevenção e intervenção adequadas e eficazes para o contexto brasileiro.

Referências

- Alves, M. I., Felipe, A. O. B., & Moreira, D. da S. (2022). Autolesão, ansiedade e depressão em adolescentes de uma escola de um município do sul de Minas Gerais, Brasil. *Research, Society and Development*, 11(3), 1-10. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26776>.
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Aragão Neto, C. H. D. (2019). *Autolesão sem intenção suicida e sua relação com ideação suicida*. [Tese de doutorado não publicada]. Universidade de Brasília. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37075/1/2019_CarlosHenriqueAragaoNeto.pdf.
- Bastos, E. M. (2019). Automutilação de adolescentes: um estudo de caso em escola pública de Fortaleza. *Revista Educação, Psicologia e Interfaces*, 3(3), 156-191. <https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.167>.
- Brandão Junior, P. M. C., & Canavêz, F. (2018). O corpo na contemporaneidade: notas preliminares sobre a prática de autolesão em adolescentes. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 7(13), 179-191. <http://seer.ufsj.edu.br/index.php/analytica/article/view/3341/2105>.
- Casa Civil (Brasil). (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da criança e do adolescente. *Diário Oficial da União*, Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

- Carmo, J. S., Silveira, P. H. F. S., Vignardi, R. G., Canicoba, G. S., Mota, A. C. M. F., Miziara, C. S. M. G., & Miziara, I. D. (2020). Autolesão não suicida na adolescência como fator de predisposição ao suicídio. *Saúde, Ética & Justiça*, 25(1), 3-9. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v25i1p3-9>.
- Damous, I., & Klautau, P. (2016). Marcas do infantil na adolescência: automutilação como atualização de traumas precoces. *Tempo psicanalítico*, 48(2), 95-113. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382016000200007.
- Dettmer, S. E. S. (2018). *Cutting: uma caracterização do fenômeno em escolas de Dourados (MS)*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade Federal da Grande Dourados. <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1130/1/SabrinaEstefaniaSilvaDettmer.pdf>.
- Dias, J. M., & Silva, J. C. (2019). O Signo da falta: automutilação na adolescência. *Boletim Entre SIS*, 4(1), 21-30. <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/boletimsis/article/view/19497/1192612228>.
- Ferreira, L. S., Chaves, G., & Cury, L. S. D. L. P. (2021). Autolesão na adolescência e a produção científica nacional: revisão integrativa da literatura. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, 29(2), 43-53. <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v29n2p43-53>.
- Fonseca, P. H. N. D., Silva, A. C., Araújo, L. M. C. D., & Botti, N. C. L. (2018). Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 70(3), 246-258. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017.
- Fortes, I., & Macedo, M. M. K. (2017). Automutilação na adolescência-rasuras na experiência de alteridade. *Psicogente*, 20(38), 353-367. <http://doi.org/10.17081/psico.20.38.2556>.
- Gabriel, I. M., Costa, L. C. R., Campeiz, A. B., Salim, N. R., Silva, M. A. I., & Carlos, D. M. (2020). Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde. *Escola Anna Nery*, 24(4). <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0050>.
- Giusti, J. S. (2013). *Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo*. [Tese de doutorado não publicada]. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03102013-113540/publico/JackelineSuzieGiusti.pdf>.
- Kamazaki, D. F., & Dias, A. C. G. (2021). Intervenções para Autolesão Não Suicida: uma revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 14(1), 228-251. <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.141.11>.
- Lima, D. D. S., Oliveira, E. N., França, S. D. S., Vasconcelos Sobrinho, N., Santos, L. A., & Prado, F. A. (2021). Automutilação e seus fatores determinantes: Uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 10(9), 1-10. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18155>.
- Lopes, L. D. S., & Teixeira, L. C. (2019). Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. *Estilos da Clínica*, 24(2), 291-303. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p291-303>.
- Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & contexto - enfermagem*, 17(4), 758-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
- Moraes, D. X., Moreira, É. D. S., Sousa, J. M., Vale, R. R. M. D., Pinho, E. S., Dias, P. C. D. S., & Caixeta, C. C. (2020). “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73, 1-9. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>.
- Moreira, É. D. S., Vale, R. R. M. D., Caixeta, C. C., & Teixeira, R. A. G. (2020). Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(10), 3945-3954. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.31362018>.
- Oliveira, E. K. D. A., Ramos, P. L. M. D. S., & Amaral, E. K. D. A. (2019). Produção de conhecimento sobre automutilação. *Anais eletrônicos CIC*, 17(1), 1-5. <http://fasb.edu.br/revista/index.php/cic/article/view/486/425>.
- Organização Mundial de Saúde. (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Artimed Editora.
- Otto, S. C., & Santos, K. A. D. (2016). O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. *Psicologia Revista*, 25(2), 265-288. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/24537/21352>.
- Reis, M. D. N. (2018). Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real. *Polêm!ca - Revista eletrônica da UERJ*, 18(1), 50-67. <https://doi.org/10.12957/polemica.2018.36069>.
- Sant'Ana, I. M. (2019). Autolesão não suicida na adolescência e a atuação do psicólogo escolar: uma revisão narrativa. *Revista de Psicologia da IMED*, 11(1), 120-138. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.3066>.
- Secretaria-Geral (Brasil). (2019). Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. *Diário Oficial da União*, Brasília. <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n%C2%BA-13.819-de-26-de-abril-de-2019-85673796>.
- Silva, A. C., & Botti, N. C. L. (2017). Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 18, 67-76. <https://doi.org/10.19131/rpesm.0194>.
- Silva, A. C., & Botti, N. C. L. (2018). Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 14(4), 203-210. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000355>.
- Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., & Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.
- Veloso, C., Monteiro, C. F. D. S., Veloso, L. U. P., Figueiredo, M. D. L. F., Fonseca, R. S. B., Araújo, T. M. E. D., & Machado, R. D. S. (2017). Violência autoinfligida por intoxicação exógena em um serviço de urgência e emergência. *Revista Gaúcha de enfermagem*, 38(2), 1-8. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.02.66187>.